



Quando

Nietzsche

Chorou

IRVIN D. YALOM

Tradução de Manuel Marques
Revisão de Carlos Romão



Capítulo 1

O carrilhão de San Salvatore interrompeu o devaneio de Josef Breuer. Puxou do pesado relógio de ouro do bolso do colete. Nove horas. Leu novamente o pequeno cartão de contornos prateados que recebera no dia anterior.

21 de Outubro de 1882

Doutor Breuer,
Preciso de o ver para um assunto da maior urgência. O futuro da filosofia alemã está em jogo. Encontre-se comigo amanhã às nove da manhã, no Café Sorrento.

Lou Salomé

Um bilhete inconveniente! Há anos que ninguém o abordava com tão pouca cerimónia. Não conhecia nenhuma Lou Salomé. Não havia remetente no envelope, nem maneira de informar essa pessoa de que, às nove da manhã, era inoportuno, que a Frau Breuer não iria gostar de tomar o pequeno-almoço sozinha, que o Dr. Breuer estava de férias e que não estava interessado em “assuntos urgentes” — aliás, o Dr. Breuer viera a Veneza precisamente para se livrar de assuntos urgentes.

Não obstante, lá estava ele no Café Sorrento às nove em ponto, esquadrinhando os rostos ao seu redor e perguntando-se qual deles poderia ser o da impertinente Lou Salomé.

— Outro café, senhor?

Breuer assentiu com a cabeça para o empregado, um rapaz de treze ou catorze anos e de cabelos pretos, lisos e húmidos, penteados para trás. Quanto tempo durara o seu devaneio? Consultou novamente o relógio. Outros dez minutos de vida desperdiçados. E desperdiçados

em quê? Como era hábito, sonhava com Bertha, com a bela Bertha, sua doente nos últimos dois anos. Estava a recordar a sua voz provocante: «Doutor Breuer, porque é que tem tanto medo de mim?» Lembrou-se das palavras dela quando ele lhe tinha dito que deixaria de ser o seu médico: «Esperarei. O senhor será sempre o único homem da minha vida.»

Ele censurou-se: «Pelo amor de Deus, pára! Pára de pensar! Abre os olhos! Vê! Deixa o mundo entrar!»

Breuer ergueu a chávena, inalando o aroma do saboroso café ao mesmo tempo que inspirava profundamente o frio ar veneziano do mês de Outubro. Virou a cabeça e olhou em redor. As outras mesas do Café Sorrento estavam repletas de homens e mulheres que tomavam o pequeno-almoço — na maioria, turistas, e quase todos de meia-idade. Muitos seguravam o jornal com uma das mãos e a chávena de café com a outra. Para além das mesas, viam-se nuvens de pombos azul cinza que esvoaçavam e mergulhavam. As águas paradas do Grand Canal, brilhando com os reflexos dos grandes palácios alinhados nas suas margens, eram apenas perturbadas pela esteira ondulante de uma gôndola costeira. As outras embarcações ainda dormiam, amarradas a estacas tortas espalhadas aqui e ali ao longo do canal, como lanças espetadas ao acaso por alguma mão gigante.

É isso mesmo: olha em redor, idiota! — proferiu Breuer para consigo mesmo. — Vêm pessoas do mundo inteiro para admirar Veneza; pessoas que se recusam a morrer, sem serem abençoadas por esta maravilha.

Quanto da vida perdi simplesmente por deixar de olhar? — pensou. — Ou por olhar e não ver? No dia anterior, tinha feito uma caminhada solitária pela ilha de Murano e, uma hora depois, não tinha visto nada, não tinha registado nada.

Nenhuma imagem se tinha transferido da sua retina para o córtex. Toda a sua atenção se consumira em pensamentos sobre Bertha: o sorriso encantador, os olhos adoráveis, a sensação do seu corpo quente e confiante, a respiração acelerada quando ele a massajava. Essas imagens tinham poder — tinham vida própria; sempre que baixava a guarda, elas invadiam-lhe a mente e usurpavam-lhe a imaginação. Será para sempre esta a minha sina? — interrogou-se • Estarei destinado a ser um simples palco no qual as memórias de Bertha representam eternamente o seu drama?

Alguém se levantou na mesa ao lado. O ruído agudo da cadeira metálica no chão de tijolo despertou-o e, mais uma vez, procurou Lou Salomé. Ali estava ela! A mulher a descer a Riva del Carbon e a entrar no café. Só ela poderia ter escrito aquela nota — aquela bela mulher,

alta e esguia, envolta num casaco de peles, caminhando altivamente na sua direcção, agora, através do emaranhado de mesas cheias de gente. Ao aproximar-se, Breuer reparou que era jovem, talvez até mais jovem que Bertha, possivelmente uma adolescente. Mas aquela presença imponente — extraordinária! Poderia levá-la longe!

Lou Salomé prosseguiu até junto dele sem demonstrar qualquer hesitação. Como poderia estar tão segura da sua pessoa? A mão esquerda de Breuer rapidamente alisou os pelos ruivos da barba para os limpar das migalhas de pão. A mão direita puxou a parte lateral do casaco preto que vestia para que não ficasse levantada em volta do pescoço. Ao chegar a poucos metros de distância, a jovem deteve-se por um instante e fitou-o ousadamente nos olhos.

De súbito, a mente de Breuer parou de tagarelar. Agora, olhar não exigia concentração. Agora, retina e córtex cooperavam perfeitamente, permitindo que a imagem de Lou Salomé penetrasse livre na sua mente. Era uma mulher de extraordinária beleza: testa altiva, queixo forte e bem torneado, brilhantes olhos azuis, lábios cheios e sensuais, e cabelos louros com reflexos prateados, penteados negligentemente, que se reuniam num carrapito alto, expondo-lhe as orelhas e o pescoço longo e gracioso. Notou com especial prazer as madeixas de cabelo que escapavam do carrapito e caíam arrojadamente em todas as direcções.

Mais três passos, e chegou à mesa dele.

— Doutor Breuer, sou Lou Salomé. Posso? — perguntou, apontando para a cadeira vazia. Sentou-se tão prontamente que Breuer não teve tempo de a cumprimentar como devia: levantar-se, curvar-se, beijar-lhe as mãos e afastar-lhe a cadeira.

— Pssst, por favor! — Breuer estalou os dedos animadamente. — Um café para a senhora. Café latte? — Olhou para a Fräulein Salomé. Ela anuiu com a cabeça e, apesar do frio matinal, tirou o casaco de peles.

— Sim, um café latte.

Breuer e a sua companheira ficaram sentados em silêncio por um momento. Depois, Lou Salomé fitou-o directamente nos olhos e começou:

— Tenho um amigo desesperado. Receio que se venha a suicidar num futuro muito próximo. Seria uma grande perda para mim e uma grande tragédia pessoal, pois eu iria carregar uma certa responsabilidade. Apesar disso, eu poderia suportar e superar esse facto. Mas — inclinou-se na sua direcção, falando mais suavemente — tal perda poder-se-ia estender bem para lá de mim: a morte deste homem teria consequências enormes para o senhor, para a cultura europeia, para todos nós. Acredite em mim.

Breuer ia dizer «A menina decerto está a exagerar», mas não conseguiu proferir as palavras. O que em qualquer outra jovem se afiguraria um exagero de adolescente, aqui parecia diferente, algo a ser levado a sério. A sinceridade dela, o seu fluxo de convicção, eram irresistíveis.

— Quem é esse homem, o seu amigo? Conheço-o?

— Ainda não! Mas dentro de algum tempo, todos o conheceremos. Chama-se Friedrich Nietzsche. Talvez esta carta de Richard Wagner para o professor Nietzsche sirva para o apresentar. — Retirou uma carta da mala, desdobrou-a e estendeu-a a Breuer. — Primeiro devo dizer que Nietzsche não sabe que estou aqui nem que tenho esta carta em meu poder.

A última frase de Fräulein Salomé provocou uma pausa em Breuer. «Devo ler a carta?» — pensou. •Esse professor Nietzsche não sabe que ela ma está a mostrar. Nem sequer que está na posse dela! Como a terá obtido? Pediu-a emprestada? Surrripou-a?

Breuer orgulhava-se de muitos dos seus atributos. Era leal e generoso. A precisão dos seus diagnósticos tinha-se tornado uma lenda: em Viena, era o médico pessoal de grandes cientistas, artistas e filósofos como Brahms, Brücke e Brentano. Aos quarenta anos, era conhecido em toda a Europa e cidadãos distintos de todo o Ocidente viajavam grandes distâncias para o consultarem. No entanto, acima de tudo, orgulhava-se da integridade — jamais em toda a sua vida cometera um acto desonesto. A não ser, talvez, se fosse considerado responsável pelos seus pensamentos carnis acerca de Bertha, pensamentos que por direito deveriam ser dirigidos à sua esposa, Mathilde.

Assim, hesitou em aceitar a carta que Lou Salomé lhe estendia. Mas apenas por um breve momento. Após outro olhar para dentro daqueles cristalinos olhos azuis, abriu-a. Estava datada de 10 de Janeiro de 1882 e começava: «Meu amigo Friedrich»; tinham sido sublinhados vários parágrafos.

Acabou de oferecer ao mundo uma obra ímpar. O seu livro é caracterizado por uma convicção tão consumada, que pressagia a mais profunda originalidade. De que outra forma poderíamos, a minha esposa e eu, ter realizado o desejo mais ardente das nossas vidas, ou seja, que algum dia algo vindo de fora possuísse plenamente os nossos corações e as nossas almas! Cada um de nós leu o seu livro duas vezes — primeiro sozinho, de dia, e depois em voz alta, de noite. Disputámos, com razão, o único exemplar

e lamentamos que o prometido segundo exemplar ainda não tenha chegado.

O meu amigo encontra-se doente? Encontra-se desanimado? Se assim é, gostaria tanto de fazer algo para lhe afastar o desalento! Como devo começar? Nada mais posso fazer que não esbanjar sobre si os meus elogios incondicionais.

Aceite-os ao menos com um espírito amigável, ainda que eles o deixem insatisfeito.

Saudações sinceras do vosso,
Richard Wagner

Richard Wagner! Não obstante toda a sua urbanidade vienense, toda a sua familiaridade e desembaraço com os grandes homens da época, Breuer ficou aturdido. Uma carta daquelas escrita pela própria mão do mestre! Porém, recuperou rapidamente a serenidade.

— Muito interessante, minha cara Fräulein, mas agora, por favor, diga-me exactamente o que posso fazer por si.

Inclinando-se outra vez para a frente, Lou Salomé pousou ao de leve a mão enluvada sobre a mão de Breuer:

— Nietzsche está doente, muito doente. Precisa da sua ajuda.

— Mas qual é a natureza da doença dele? Quais são os sintomas?

— Breuer, perturbado pelo toque da mão da jovem, ficou satisfeito por navegar em águas familiares.

— Dores de cabeça. Em primeiro lugar, dores de cabeça lancinantes. E ataques constantes de náuseas. E uma ameaça de cegueira. A sua visão tem-se vindo a deteriorar gradualmente. Problemas estomacais também: às vezes, não consegue comer durante dias. E insónias: nenhum remédio o consegue fazer dormir, de modo que toma doses excessivas de morfina. Tonturas: às vezes, fica enjoado em terra firme durante vários dias seguidos.

Longas listas de sintomas não eram novidade nem estímulo para Breuer, que normalmente examinava de vinte e cinco a trinta doentes por dia e viera a Veneza precisamente para descansar dessa labuta. Contudo, era tamanha a veemência de Lou Salomé, que se sentiu compelido a prestar toda a atenção.

— A resposta à sua pergunta, minha cara senhora, é sim. claro que examinarei o seu amigo. Quanto a isso, não há dúvida. Afinal, sou um médico. Mas, por favor, permita-me formular uma pergunta: porque é que a senhora e o seu amigo não vêm ao meu encontro por

um caminho mais directo? Porque não escrevem simplesmente para o meu consultório em Viena e marcam uma consulta? — Com isto, Breuer olhou ao redor à procura do empregado para pedir a conta e pensou quão satisfeita Mathilde ficaria com o seu regresso tão rápido ao hotel. Mas não era fácil livrar-se daquela ousada mulher:

Doutor Breuer, só mais uns minutos, por favor. Não estou a exagerar a gravidade do estado de Nietzsche, nem a profundidade do seu desespero.

• Não duvido disso. Mas volto a perguntar, Fräulein Salomé, porque é que o Herr Nietzsche não me consulta em Viena, no meu consultório? Ou porque não visita um médico em Itália? Onde mora ele? Gostaria que lhe indicasse um médico na sua cidade? E porquê eu? Aliás, como é que a menina soube que eu estava em Veneza? Ou que sou um aficionado da ópera e que admiro Wagner?

Lou Salomé não se deixou abalar e sorriu quando Breuer começou a crivá-la de perguntas, o sorriso tornou-se malicioso à medida que estas continuaram:

— Fräulein, está a sorrir como se tivesse um segredo. Creio que é uma jovem que adora mistérios!

— Tantas perguntas, doutor Breuer. É espantoso; conversámos apenas durante poucos minutos e, não obstante, há tantas perguntas intrigantes. Isso é certamente um bom presságio de conversas futuras. Deixe que lhe conte mais sobre o nosso paciente.

— Nosso paciente! Enquanto Breuer se espantava novamente com a sua audácia, Lou Salomé continuou:

Nietzsche esgotou os recursos médicos da Alemanha, Suíça e Itália. Nenhum médico conseguiu compreender a sua doença ou aliviar os seus sintomas. Nos últimos vinte e quatro meses, segundo me contou, consultou vinte e quatro dos melhores médicos da Europa. Abdicou do seu lar, abandonou os amigos, renunciou à sua cátedra na universidade. Tornou-se um caminhante em busca de um clima tolerável, à procura de um ou dois dias de alívio para a sua dor.

A jovem parou, erguendo a chávena enquanto mantinha o olhar fixo em Breuer.

— Fräulein, na minha prática como clínico, vejo com frequência doentes em estados invulgares ou intrigantes. Porém, permita-me que lhe diga honestamente: não faço milagres. Numa situação dessas, de cegueira, cefaleias, vertigens, gastrite, fraqueza, insónia, em que vários excelentes médicos foram consultados e deixaram a desejar, é pouco provável que eu consiga fazer mais do que me tornar no seu vigésimo quinto excelente médico em outros tantos meses.

Breuer reclinou-se na cadeira, pegou num charuto e acendeu-o. Lançou para o ar um fumo fino e azulado, esperou até que ele se dissipasse e depois continuou:

— Ofereço-me, porém, novamente, para examinar o professor Nietzsche no meu consultório. Entretanto, é bem provável que a causa e a cura de uma doença tão refractária como a dele ultrapassem o alcance da ciência médica de 1882. O seu amigo pode ter nascido cedo demais.

— Nascido cedo demais! — Ela riu-se. — Uma observação previdente, doutor Breuer. Quantas vezes ouvi Nietzsche proferir exactamente essas palavras! Agora, tenho a certeza de que o senhor é o médico certo para ele.

Apesar da sua pressa em partir e da visão recorrente de Mathilde já vestida e a andar ansiosa pelo quarto do hotel, Breuer exprimiu o seu interesse:

— Como é isso?

— Denomina-se muitas vezes um “filósofo póstumo”: um filósofo para quem o mundo ainda não está preparado. De facto, o novo livro que está a projectar começa com este tema: um profeta, Zarathustra, pleno de sabedoria, decide iluminar as pessoas. Mas ninguém compreende as suas palavras. Não estão preparados para o profeta que, percebendo ter vindo cedo demais, regressa à sua solidão.

— Fräulein, as suas palavras intrigam-me: sou um apaixonado pela filosofia. Porém, hoje o meu tempo é limitado e estou à espera de uma resposta directa à minha pergunta: porque é que o seu amigo não me consulta em Viena?

— Doutor Breuer — Lou Salomé fitou-o directamente nos olhos — desculpe a minha imprecisão. Talvez esteja a ser demasiado indirecta. Sempre gostei de me deter na presença de grandes mentes: talvez porque preciso de modelos para o meu próprio desenvolvimento, talvez apenas porque goste de as coleccionar. Mas sei que é um privilégio conversar com um homem com a profundidade e a capacidade que o senhor tem.

Breuer sentiu-se enrubescer. Já não lhe suportava o olhar e desviou a vista para longe, enquanto ela continuava:

— O que quero dizer é que talvez seja culpada de estar a ser indirecta apenas para prolongar o nosso tempo juntos.

— Mais café, Fräulein? — Breuer fez sinal ao empregado. — E mais desses pãezinhos engraçados. Já reflectiu sobre a diferença entre a panificação alemã e a italiana? Permita-me descrever a minha teoria sobre a concordância entre o pão e a personalidade nacional.

Assim, Breuer não se apressou a voltar para Mathilde. Enquanto tomava um pequeno-almoço descontraído com Lou Salomé, reflectiu sobre a ironia da situação. Que estranho ter vindo a Veneza para desvanecer o dano causado por uma mulher bonita e, agora, estar sentado tête-à-tête com outra ainda mais bonita! Também observou que, pela primeira vez em meses, a sua mente estava livre da obsessão por Bertha.

«Talvez exista afinal uma esperança para mim.» Ponderou. «Talvez, quem sabe, possa usar esta mulher para expulsar Bertha do palco da minha mente. Terei descoberto um equivalente psicológico para a terapia de substituição farmacológica? Uma droga benigna, como a valeriana, pode substituir uma mais perigosa, como a morfina. Analogicamente, talvez Lou Salomé possa substituir Bertha — um grande progresso! Afinal, esta mulher é mais sofisticada, mais realizada. Bertha é — como direi? — pré-sexual, uma mulher não realizada, uma criança que se debate desajeitadamente num corpo de mulher.»

Contudo, Breuer sabia que era precisamente a inocência pré-sexual de Bertha que o atraía. Ambas as mulheres o excitavam: pensar nelas provocou-lhe uma vibração quente no baixo-ventre. Por outro lado, ambas as mulheres o amedrontavam: ambas perigosas, mas de forma diferente. Esta Lou Salomé assustava-o devido ao seu poder — pelo que ela lhe poderia fazer. Bertha assustava-o devido à submissão — pelo que ele lhe poderia fazer. Tremeu ao pensar nos riscos que correria com Bertha — o quão próximo estivera de violar a regra mais fundamental da ética médica, de se arruinar a si próprio, à família, a toda a sua vida.

Entretanto, estava tão profundamente envolvido na conversa e tão completamente encantado com a sua jovem companheira de pequeno-almoço, que finalmente ela — e não ele — regressou à doença do amigo, especificamente ao comentário de Breuer sobre milagres médicos.

— Tenho vinte e um anos, doutor Breuer, e deixei de acreditar em milagres. Percebo que o fracasso de vinte e quatro excelentes médicos só pode significar que atingimos os limites do conhecimento médico contemporâneo. Porém, não me interprete mal! Não tenho a ilusão de que o senhor vá curar a doença de Nietzsche. Não foi por isso que procurei a sua ajuda.

Breuer pôs a chávena de café em cima da mesa e limpou o bigode e a barba com o guardanapo:

— Perdoe-me, Fräulein, agora fiquei realmente confuso. A menina não começou por dizer que desejava a minha ajuda porque o seu amigo está muito doente?

— Não, doutor Breuer, eu disse que tinha um amigo que está desesperado, que corre grande perigo de se suicidar. É o desespero do professor Nietzsche, e não o seu organismo, que peço que cure.

— Mas Fräulein, se o seu amigo está desesperado com a saúde e não disponho de uma terapia para ele, o que posso fazer? Não posso ajudar uma mente doente.

Breuer interpretou a anuência de Lou Salomé como um reconhecimento das palavras do médico de Macbeth¹ e prosseguiu:

— Fräulein Salomé, não existe remédio para o desespero, nem médico para a alma. Não há muito que possa fazer, a não ser recomendar uma das excelentes termas terapêuticas na Áustria ou na Itália. Ou talvez uma conversa com um sacerdote ou outro qualquer conselheiro religioso, um membro da família... quem sabe, um bom amigo?

— Doutor Breuer, sei que é capaz de fazer mais do que isso. Tenho um espião. O meu irmão Jenia é um estudante de medicina que frequentou a sua clínica em Viena no início deste ano.

Jenia Salomé! Breuer tentou recordar o nome. Havia tantos estudantes.

— Através dele, soube do seu amor por Wagner, que viria esta semana de férias para o Hotel Amalfi em Veneza e, também, como o reconhecer. Porém, o mais importante de tudo, através dele soube que o senhor é realmente um médico para o desespero. No último Verão, assistiu a uma conferência informal em que o senhor descreveu a forma como tratou uma jovem chamada Anna O.; uma mulher desesperada e que tratou com uma nova técnica chamada “terapia da catarse”, uma cura baseada na razão, no decifrar de associações mentais emaranhadas. Jenia diz que o senhor é o único médico da Europa capaz de proporcionar um tratamento psicológico verdadeiro.

Anna O.! Breuer sobressaltou-se com o nome e entornou o café ao levar a chávena à boca. Limpou a mão com o guardanapo, esperando que Fräulein Salomé não tivesse reparado no acidente. Anna O., Anna O.! Incrível! Para onde quer que se virasse, deparava com Anna O. — o seu nome de código para Bertha Pappenheim. Extremamente discreto, Breuer nunca usava os verdadeiros nomes dos doentes ao discutir os casos. Em vez disso, criava um pseudónimo retrocedendo uma letra do alfabeto nas iniciais do nome: como tal, B.P. de Bertha Pappenheim tornaram-se A.O., ou Anna O.

— Jenia ficou tremendamente impressionado com o senhor,

¹ Na tragédia Macbeth, de William Shakespeare, Lady Macbeth, oprimida pelos crimes que ajudou o marido a cometer, sofre de terríveis visões. O médico chamado para a tratar confessa a sua impotência: “Essa doença está além de meus conhecimentos.” (Acto V, Cena I) (N. do T.)

doutor Breuer. Ao descrever a sua conferência e a sua cura de Anna O., declarou-se um bem-aventurado por estar sob luz de um génio. Jenia não é um rapaz impressionável. Nunca o tinha ouvido falar assim. Resolvi, então, que um dia teria de o encontrar, de o conhecer, talvez de estudar consigo. Mas o meu “um dia” tornou-se mais imediato com o declínio do estado de Nietzsche nos últimos dois meses.

Breuer olhou em seu redor. Muitos dos outros fregueses já tinham terminado a refeição e saído, mas ei-lo ali sentado, num total distanciamento de Bertha, falando com uma mulher impressionante que esta trouxera para a sua vida. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Nunca encontraria um refúgio de Bertha?

— Fräulein — Breuer pigarreou para clarificar a garganta e esforçou-se por prosseguir — o caso descrito pelo seu irmão foi, simplesmente, um caso individual em que apliquei uma técnica altamente experimental. Não há razão para acreditar que essa técnica específica vá ajudar o seu amigo. De facto, existem várias razões para acreditar que não o ajudará.

— Porque não, doutor Breuer?

— Receio que o tempo não permita uma resposta prolongada. Por agora, adiantarei apenas que Anna O. e o seu amigo sofrem de doenças muito diferentes. Ela sofria de histeria e de certos sintomas incapacitantes, conforme o seu irmão lhe deve ter contado. A minha abordagem consistiu em remover sistematicamente cada sintoma, ajudando a minha paciente a recordar, com ajuda do mesmerismo, o trauma psíquico esquecido no qual tivera origem. Uma vez descoberta a fonte específica, o sintoma desaparecia.

— Suponha, doutor Breuer, que consideramos o desespero como um sintoma. O senhor não poderia tratá-lo da mesma forma?

— O desespero não é um sintoma médico, Fräulein; é vago, impreciso. Cada um dos sintomas de Anna O. envolvia uma parte delimitada do corpo; cada um era causado pela descarga da excitação intra-cerebral através de uma qualquer passagem neurológica. Pelo que a senhora me descreveu, o desespero do seu amigo é inteiramente psicológico. Não existe uma abordagem ou tratamento para tal situação.

Pela primeira vez, Lou Salomé hesitou:

— Mas, doutor Breuer — pôs novamente a mão sobre a dele — antes de tratar Anna O., não havia tratamento psicológico para a histeria. Tanto quanto sei, os médicos recorriam apenas a banhos ou àquele horrível tratamento com choques eléctricos. Estou convencida de que o senhor, talvez apenas o senhor, poderá descobrir um tratamento novo para Nietzsche.

Subitamente, Breuer viu as horas. Tinha que regressar para junto de Mathilde.

•Fräulein, farei todos os possíveis para ajudar o seu amigo. Por favor, tem aqui o meu cartão. Observarei o seu amigo em Viena.

Ela olhou para o cartão apenas por breves instantes, antes de o guardar na mala.

— Doutor Breuer, receio que as coisas não sejam assim tão simples. Nietzsche não é, por assim dizer, um paciente cooperante. Na verdade, ele nem sabe que estou a falar consigo. Tem uma personalidade extremamente reservada e é um homem orgulhoso. Jamais conseguirá reconhecer que necessita de ajuda.

— Mas disse-me que ele fala abertamente de suicídio.

— Em todas as conversas, em todas as cartas. Mas não pede ajuda. Caso viesse a saber da nossa conversa, nunca me perdoaria, e estou certa de que se recusaria consultá-lo, mesmo que, de alguma forma, eu o convencesse. Imitaria a consulta aos problemas físicos. Nunca lhe viria a pedir para lhe aliviar o desespero. Sustenta opiniões rígidas sobre fraqueza e poder.

Breuer começou a sentir-se frustrado e impaciente:

— Então, Fräulein, o drama torna-se mais complexo. A senhora quer que eu me encontre com um tal professor Nietzsche, que considera um dos grandes filósofos da nossa época, a fim de o persuadir de que a vida — ou pelo menos a vida dele — vale a pena ser vivida. E devo conseguir fazer isso, sem que o nosso filósofo se aperceba.

Lou Salomé assentiu com a cabeça, suspirou profundamente e sentou-se de novo na cadeira.

— Como será possível? — continuou ele. — Realizar simplesmente a primeira tarefa, curar o desespero, só por si já ultrapassa o alcance da ciência médica. Mas esta segunda condição, de que o paciente seja tratado sub-repticiamente, transfere o nosso empreendimento para o reino do fantástico. Existem outros obstáculos que ainda não revelou? Quem sabe se o professor Nietzsche fala apenas sânscrito ou se recusa a deixar o seu eremitério no Tibete? — Breuer sentiu-se atordoado mas, observando o ar de espanto de Lou Salomé, controlou-se rapidamente. — Falando a sério, Fräulein Salomé, como poderei fazê-lo?

— Agora está a compreender, doutor Breuer! Agora está a compreender porque procurei o senhor em vez de procurar um homem de menor envergadura!

Os sinos de San Salvatore bateram as horas. Dez horas. Mathilde devia estar ansiosa. Ah! Se não fosse por ela... Breuer acenou novamente

ao empregado. Enquanto esperavam pela conta, Lou Salomé fez um convite invulgar:

— Doutor Breuer, aceitaria o meu convite para o pequeno-almoço amanhã? Conforme já mencionei, tenho uma certa responsabilidade pessoal pelo desespero do professor Nietzsche. Há muito mais coisas que gostaria de lhe contar.

— Amanhã, infelizmente, será impossível. Não é todos os dias que uma mulher adorável me convida para o pequeno-almoço, Fräulein, mas não posso aceitar. A natureza da viagem com a minha mulher até cá desaconselha a que a deixe novamente.

— Permita então sugerir outro plano. Prometi ao meu irmão visitá-lo este mês. Aliás, até há pouco tempo, planeava ir a Viena com o professor Nietzsche. Permita que, quando lá estiver, lhe forneça mais informações. Entretanto, tentarei persuadir o professor Nietzsche a consultá-lo acerca da deterioração da sua saúde física.

Saíram juntos do café. Restavam poucos fregueses, e os empregados recolhiam as mesas. Breuer preparava-se para partir quando Lou Salomé lhe deu o braço e se pôs a andar a seu lado.

— Doutor Breuer, esta hora foi demasiado curta. Estou ávida por mais um pouco do seu tempo. Posso acompanhá-lo de regresso ao hotel?

O convite impressionou Breuer pela ousadia, pela masculinidade; entretanto, vindo dos lábios dela, parecia normal, genuíno — a forma natural como as pessoas deveriam conversar e viver. Se uma mulher aprecia a companhia dum homem, por que não dar-lhe o braço e pedir para o acompanhar? Contudo, que outra mulher sua conhecida teria proferido aquelas palavras? Estava diante de uma espécie diferente de mulher. Aquela mulher era livre!

— Jamais lamentarei tanto declinar um convite — disse Breuer, puxando-lhe o braço para mais perto de si — mas são horas de voltar, e de voltar sozinho. A minha adorável mas preocupada mulher estará à janela à minha espera e é meu dever mostrar-me sensível aos seus sentimentos.

— É claro, •e ela puxou o braço para ficar diante dele, auto-disciplinada, vigorosa como um homem — para mim a palavra «dever» é pesada e opressiva. Reduzi os meus deveres a apenas um: perpetuar a minha liberdade. O casamento e o seu séquito de possessão e ciúme escravizam o espírito. Jamais eles me dominarão. Espero, doutor Breuer, que chegue o tempo em que nem o homem, nem a mulher sejam tiranizados pelas fraquezas mútuas. — Virou-se com a mesma segurança total da sua chegada: — Auf Wiedersehen. Até ao nosso próximo encontro... em Viena.

Capítulo 2

Quatro semanas depois, Breuer estava sentado à secretária no seu consultório da Bickerstrasse 7. Eram quatro da tarde e aguardava impacientemente a chegada de Fräulein Lou Salomé.

Era raro ter um intervalo durante o dia de trabalho; porém, na ânsia de a ver, tinha despachado rapidamente os três pacientes anteriores. Todos eles sofriam de doenças de fácil diagnóstico que exigiram pouco esforço da sua parte.

Os dois primeiros — homens na casa dos sessenta — sofriam de doenças praticamente idênticas: respiração forçada e uma tosse brônquica seca e áspera. Havia anos que Breuer tratava dos enfisemas crônicos de ambos a que, no clima frio e húmido, se sobrepunha uma bronquite aguda, resultando num grave problema pulmonar. Para ambos os pacientes, prescreveu morfina contra a tosse (pó de Dover, cinco grãos, três vezes por dia), pequenas doses de um expectorante (ipecacuanha), inalações de vapor e emplastros de mostarda no tórax. Embora alguns médicos zombassem dos emplastros de mostarda, Breuer acreditava neles e prescrevia-os com frequência — especialmente naquele ano, quando metade de Viena parecia ter sucumbido às doenças respiratórias. A cidade não via o sol havia três semanas, apenas uma gélida e implacável chuva fina.

O terceiro paciente, um criado da residência do príncipe herdeiro Rodolfo, era um jovem febril e bexigoso, com a garganta inflamada, tão acanhado que Breuer teve que ser autoritário ao ordenar que se despisse para o examinar. O diagnóstico foi amigdalite folicular. Embora adepto da rápida extracção das amígdalas com tesouras e fórceps, Breuer decidiu, que aquelas amígdalas não estavam suficientemente amadurecidas para serem extraídas. Em vez disso, prescreveu uma compressa fria no pescoço, gargarejos com clorato de potássio e inalações de água carbonatada. Por se tratar da terceira

inflamação na garganta do paciente naquele Inverno, Breuer também o aconselhou a enrijecer a pele e a resistência com banhos frios diários.

Agora, enquanto esperava, pegou na carta de Fräulein Salomé recebida três dias antes. Com a mesma ousadia da nota anterior, anunciava que iria ao seu consultório naquele dia às quatro horas para uma consulta. As narinas de Breuer dilataram-se: «Ela diz-me a mim a que horas chega. Ela ordena. Ela concede-me a honra de...»

Mas rapidamente se corrigiu: «Não te leves tão a sério, Josef. Qual é a diferença? Embora Fräulein Salomé não tenha como o saber, acontece que quarta-feira à tarde é uma ocasião excelente para a ver. Em toda esta confusão, que diferença faz?»

«Ela diz-me...», Breuer reflectiu sobre o seu tom de voz: era precisamente essa auto-importância enfatuada que ele detestava nos seus colegas médicos, como Billroth e Schnitzler pai, e em muitos dos seus ilustres pacientes, como Brahms e Wittgenstein. A qualidade que mais apreciava nos conhecimentos mais próximos, dos quais na maioria também eram seus doentes, era a simplicidade. Era o que o aproximava de Anton Bruckner. Talvez Anton jamais atingisse o patamar de Brahms, mas pelo menos não adorava o chão que ele próprio pisava.

Acima de tudo, Breuer gostava dos jovens e irreverentes filhos de alguns dos seus conhecidos — os jovens Hugo Wolf, Gustav Mahler, Teddie Herzl e o mais improvável estudante de medicina, Arthur Schnitzler. Identifica-se com eles e, longe dos ouvidos das outras pessoas da sua idade, maravilhava-os com ataques cáusticos à classe dominante. Por exemplo, na semana anterior, no baile da Policlínica, divertira um grupo de jovens aglomerados à sua volta ao pronunciar:

— Sim, sim é verdade que os vienenses são um povo religioso: o seu deus chama-se “Decorum”.

Breuer, o eterno cientista, recordou a facilidade com que, em apenas alguns minutos, mudara de um estado mental para outro: da arrogância à simplicidade. Que fenómeno interessante! Conseguiria repeti-lo?

De vez em quando, conduzia uma experiência imaginária. Primeiro, tentava assumir a persona vienense com toda a pompa que tinha vindo a odiar. Tornava-se enfatuado e murmurava silenciosamente «Como ousa ela?». Entortava os olhos e franzia e testa, experimentando o ressentimento e a indignação que envolvem os que se levam a sério demais. Depois, suspirando e descontraindo-se, abandonava a atitude e voltava à sua própria pele — a um estado mental capaz de rir de si próprio, das próprias posturas ridículas.

Observou que cada um desses estados mentais tinha o seu

colorido emocional próprio: o enfatuado tinha arestas agudas — maldade e irritabilidade —, bem como altivez e solidão. O outro estado, pelo contrário, afigurava-se regular, suave e tolerante.

Essas eram emoções definidas, identificáveis — pensou Breuer — mas também emoções modestas. E quanto às emoções mais poderosas e aos estados mentais que as alimentavam? Haveria forma de controlar essas emoções mais fortes? Isso não levaria a uma terapia psicológica eficaz?

Considerou a sua própria experiência. Os seus estados mentais mais transitórios envolviam mulheres. Havia ocasiões — tal como hoje, abrigado na fortaleza do seu consultório,— em que se sentia forte e seguro. Nessas ocasiões, via as mulheres como realmente eram: criaturas batalhadoras e ansiosas, lidando com os incessantes e prementes problemas do dia-a-dia; e via a realidade dos seus seios: aglomerados de células mamárias flutuando em poças de lipóides. Conhecia os seus corrimentos, os seus problemas dismenorreicos, as suas ciáticas e as suas diferentes protuberâncias irregulares — bexigas e úteros com prolapso, hemorróidas e varizes salientes.

Mas havia outras ocasiões — ocasiões de encantamento, em que era conquistado por mulheres maiores do que a vida, os seios avolumando-se em globos mágicos e poderosos — quando era dominado por uma ânsia irresistível de se fundir com esses corpos, de sugar-lhes os mamilos, de sentir-lhes o calor e a humidade. Esse estado de espírito podia ser incontrolável, podia transtornar uma vida inteira — e, no seu trabalho com Bertha, quase lhe tinha custado tudo o que tanto prezava.

Era tudo uma questão de perspectiva, de mudar de estado de espírito. Se lograsse ensinar os pacientes a fazê-lo conforme desejassem, poderia de facto transformar-se no que Fräulein Salomé procurava: um médico para o desespero.

A sua divagação foi interrompida pelo som da porta a abrir e fechar-se lá fora. Breuer esperou uns instantes para não parecer ansioso demais e, depois, passou à sala de espera para saudar Lou Salomé. Estava molhada, a leve chuva vienense tinha-se transformado num aguaceiro — mas, antes que a pudesse ajudar a despir a capa molhada, já ela o tinha feito, entregando-a à enfermeira e recepcionista, Frau Becker.

Após conduzir Fräulein Salomé para dentro do consultório e fazer sinal para que se instalasse numa pesada cadeira forrada de couro preto, Breuer sentou-se na cadeira ao lado. Não pôde conter a observação:

— Vejo que prefere fazer as coisas por si mesma. Isso não priva os homens do prazer de a servir?